

# MADAME

de Maria Velho da Costa



Título original: *Madame*  
© Maria Velho da Costa e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2000

*Capa:* Atelier Ricardo Mealha

ISBN 972-8423-76-4

Maria Velho da Costa

Madame  
(versão de cena)

sobre textos de  
EÇA DE QUEIRÓS  
e de  
MACHADO DE ASSIS

Cotovia  
Teatro Nacional S. João

## Mes Dames

Quando Maria Velho da Costa começou a reler Eça e Assis para escrever este surpreendente *vaudeville*, eu sabia que a “indigestão de romance” a que se expôs iria conduzir a uma fuga para a frente, inevitável num espírito “genialento” como o dela.

Maria Eduarda e Capitolina estavam condenadas ao destino que esta nova obra lhes inventasse. Passavam a viver desta outra escrita (no feminino, passe a monstruosidade do conceito), que tem como alvo o texto, decorado até se tornar literal “implante cardíaco”, para ser repetido no acto de dizer que é o mais ancestral, o mais liminar destino do texto para cena.

Digo *para cena* porque Maria Velho da Costa escreveu mais para nós do que para o prelo. Na diferença entre o texto publicado pela sua editora e aquele que representamos, lê-se o caminho que uma *peça*, escrita sobre a matéria própria da produção teatral, percorre até se legitimar com o *guião* de um espectáculo.

*Madame* é pois o trabalho que a nossa casa sabe fazer — neste momento da sua vida — do texto de um autor vivo; e o meu trabalho de encenador reflecte, antes de mais, a capacidade de servir a “casa do palco”<sup>1</sup> num dos seus eixos estratégicos — a capacidade de atrair uma internacionalidade, em alguns casos uma multi-racialidade, em condições de miscigenação que seria no mínimo inoportuno não aproveitar.

*Madame* mudou muitas vezes de prateleira desde a sua génese, em 1994, quando Carlos Avilez encomendou o texto à autora. Só ganhámos coragem para enfrentar

a sua inscrição na nossa programação quando, a propósito dos “efemeridíssimos” 500 anos da Descoberta do estrangeiríssimo Brasil, encontrámos finalmente o grande parceiro simbólico desta aventura — neste caso, não apenas uma actriz que representa o chamado *país irmão*, mas a própria matéria-prima da resistência da sua especificidade cultural. Eva Wilma corporiza em *português do Brasil* o equivalente à estruturante inspiração e presença que é Eunice Muñoz.

O apoio do Ministério da Cultura brasileiro sublinhou a nossa determinação em levar o espectáculo ao Brasil, qualquer que fosse o seu sucesso; sucesso que quer sempre dizer uma outra coisa, se inscrito num outro projecto, ou recebido num outro país, mesmo que queiramos acreditar que, neste caso, se trata de um país que fala a mesma língua.

Já na fase de trabalho sobre o texto, com os actores, em Novembro de 1999, Maria Velho da Costa deu consigo a escrever as cenas VII (“A Crise”) e VIII (“As Criadas”), descobrindo que a diferença entre “as duas línguas” prolonga a diferença de universos pessoais, com tudo o que arrastam de carga civilizacional. Essa diferença acabou por constituir-se numa espécie de sub-tema que acrescenta, não só cor, mas uma nova dinâmica às tensões dramáticas originais.

A aprendizagem de felicidade (a sobrevivência!) destas damas e das suas magníficas escravas — na periferia das quais se movimentam os fantasmas masculinos que dão corpo ao desejo e a alguma culpa — assenta na corrupção que, paulatinamente, Capitu e Dudu operam uma sobre a outra, emprestando-se mutuamente os prazeres de cada lado do Atlântico, na difusa intimidade de um *adresse* de luxo na categórica capital desta “Europa a desfazer-se no meu copo” — Paris!

Quando, em as “Queridas Leitoras” (cena IX), agora Eunice, *La Muñoz* e Eva, *La Wilma*, nos acenam com uma reflexão sobre a condição de actrizes, intoxicadas pela memória do Texto (“repetir, repetir”, “ler até tresler”), cumprimos, com Maria Velho

da Costa, o doloroso dever de participar que afinal nada sobra de nós, nenhum trilho de nós, para além da ficção, da representação de nós próprios (do nosso romance!) a que as palavras nos condenam. Quando essas palavras conseguem conviver como espelhos distorcidos de uma matriz linguística, será que importa ainda reclamá-la?

Ouvindo Eunice e Eva — na companhia tão inspirada de António Rama, Philippe Leroux e Afonso Malão —, estão perdoadas todas as telenovelas brasileiras (bastaria para tanto, aliás, ouvir as portuguesas, essas sim indesculpáveis no seu foleiro mimetismo).

Algum dia o *mid-atlantic* luso-brasileiro se transformará num lugar vivo de reconhecimento cultural. Para já, as nossas *demi-mondaines*, uma por opção, a outra por amável adopção, aí estão para lembrar-nos o que “encafua”, o que “arrasa”, o que é profundamente “pífio”.

Benvindos.

RICARDO PAIS

---

<sup>1</sup> Um projecto, neste caso, de duas casas: o D. Maria II e o S. João.